

INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2004 A 2012: EFEITOS NA ECONOMIA PARANAENSE

Orlando Cesar Devai*

RESUMO: Este artigo busca entender os fatores determinantes do aumento do fluxo internacional para o Brasil de US\$ 18,14 bilhões em 2004, para US\$ 65,27 em 2012, e seus efeitos na economia Paranaense. Para esta análise é utilizada a metodologia desenvolvida por Castro (1979) e Possas (1983) que considera o cenário econômico da origem e do destino dos recursos, e a fragmentação dos estudos em períodos com base em peculiaridades históricas e econômicas. O artigo inova em estudar o IDE em um estado separadamente. Conclui-se que no período de 2004 a 2007, o aumento do fluxo em direção ao Brasil se dá pela conjuntura internacional favorável, tendo como atrativo uma economia com mercado interno em crescimento. Após a crise internacional de 2008, os investimentos se dão como alternativa aos países ricos. Observa-se que o Paraná se beneficia do fluxo de IDE. Além do aumento do montante há um processo de diversificação e expansão para a região metropolitana de Curitiba e interior do estado, com diferenciação nos segmentos de investimento.

PALAVRAS- CHAVE: Investimento Externo Direto, Desenvolvimento Econômico, Paraná.
Código JEL: F21, G17, O11.

1 INTRODUÇÃO

Os investimentos externos contribuíram fortemente para o desenvolvimento da economia brasileira, em especial no processo de industrialização. Vários estudos foram realizados sobre o tema em nível internacional e nacional. No Brasil as primeiras pesquisas datam do final dos anos setenta. Vários autores que se propuseram a pesquisar sobre o tema, nas mais diversas formas de visão, sem, contudo, particularizar os estados brasileiros como objeto de estudo, possivelmente pela dificuldade de desagregação dos dados por estados brasileiros. Este artigo busca entender não somente como se dá e as razões do aumento do fluxo de Investimento Externo Direto (IDE) em direção ao Brasil, mas qual seu impacto em um estado em separado, o Paraná. Para isso é usado como metodologia de pesquisa a análise do cenário internacional, nacional, e as particularidades do Estado do Paraná, fruto de um processo histórico, onde se divide o fluxo de IDE em períodos.

Os primeiros de investimentos externos podem ser visto entre os anos de 1906 e 1970, caracterizado pelos ingressos de capitais ingleses e norte americanos principalmente até a segunda guerra mundial. O segundo fluxo de IDE pode ser percebido entre 1971 e 1993, caracterizado pela criação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), que conta com significativo fluxo de capital externo. A partir de 1994 é observado um novo fluxo de IDE, agora em direção à região metropolitana de Curitiba, caracterizado pelos investimentos das montadoras Renault, Nissan, Volkswagen e Audi.

Este artigo irá pesquisar o comportamento dos Investimentos Direto Externos nos anos mais recentes, compreendidos entre 2004 e 2012. Neste período o IDE no Brasil passa de US\$ 18,14 bilhões para US\$ 65,27, um aumento de 259,65%. Serão verificados os fatores determinantes em nível nacional e internacional e se, e como, o estado do Paraná foi beneficiado com este aumento de investimentos, bem como quais seus impactos, tendências, principais empresas que externas que realizaram investimentos e suas origens.

2 PESQUISAS EM INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO

As primeiras pesquisas em relação ao IDE verificadas no Brasil se iniciam em 1979, sendo os principais autores: Castro (1979) que estuda as empresas estrangeiras no Brasil no período de 1860 a 1913; Possas (1983), no estudo das multinacionais e seu impacto na industrialização do Brasil. Frisch e Franco (1989) na demonstração da importância do

* Mestrado em Desenvolvimento Econômico pela UFPR/Doutorando em Desenvolvimento Econômico pela UFPR/Coordenador do Orçamento Geral da UFPR

tratamento ao capital estrangeiro enquanto componente relevante de uma estratégia de desenvolvimento econômico. Bilschowsky (1992) no destaque do potencial de crescimento futuro do mercado brasileiro como fator essencial para entender a permanência dos interesses estrangeiros no país. Gonçalves (1993) na análise das estratégias das Empresas Multinacionais (EMNs) ao longo dos anos 80 no Brasil. Suzigan e Szmrecsányi (1994) no estudo dos investimentos estrangeiros no início do processo de industrialização do Brasil. Cunha (1995) na análise o padrão de inserção do IDE no Brasil nos anos de 1980 e início dos anos 90. Sarti e Laplane (1997, 1999), estudam os investimentos diretos estrangeiros e seu impacto na balança comercial nos anos 90 e o Investimento Direto e a internacionalização da economia brasileira nos anos 90, comparando o processo que ocorreu no Brasil com outras economias como a do México, Coréia do Sul e China. Curado (1997) na pesquisa da relação entre os investimentos estrangeiros diretos e o processo de industrialização no Brasil. Franco (1998), na conclusão que a instabilidade econômica no período de alta inflação foi a principal responsável pela redução dos fluxos de IDE para o Brasil. Cario, Alexandre e Voidila (2002) verificam o alcance e as conseqüências do IDE na década de 1990. Nonnenberg (2003) na análise comparativa das décadas de 1970 a 1990; Mattos, Cassuce e Campos (2007) na utilização de instrumental econométrico para verificar do comportamento do IDE no período de 1980 a 2004, onde se constata que as variáveis mais importantes para o recebimento do IDE são o grau de abertura da economia e a taxa de inflação. Curado e Cruz (2008 e 2012) na análise o fluxo de IDE ao Brasil a partir de diferentes períodos em que passou a economia Brasileira.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Percebe-se a falta de pesquisas sobre os investimentos voltados para os estados brasileiros de forma específica, dado à ausência de dados fragmentados por unidades da federação. Este artigo inova neste quesito ao buscar entender como se deu e quais as contribuições do Investimento Externo Direto (IDE) no processo de desenvolvimento de um estado, o Paraná. A metodologia a ser utilizada neste trabalho, se origina a partir da análise dos principais trabalhos sobre IDE realizados no Brasil, tendo como base a proposta de Castro (1979) e Possas (1983), onde o fluxo de IDE é analisado a partir do entendimento dos determinantes internos e externos do investimento, estabelecendo assim uma conexão peculiar entre os dois atores, melhorando assim a compreensão dos investimentos.

Para Possas (1983) ao se estudar,

tanto em relação à origem quanto ao setor de destino do investimento direto estrangeiro no Brasil, é importante levar em conta ao mesmo tempo as condições internas e os determinantes externos, assim como os vínculos entre eles. Essa visão distingue-se de outras, mais comuns, que focalizam o investimento estrangeiro, seja num contexto de modernização do país receptor, seja sob a perspectiva limitada de rentabilidade dos negócios e remessa de lucros. A conexão peculiar entre os determinantes internos e externos seria assim responsável pelas características assumidas pelo investimento direto estrangeiro em cada período considerado (POSSAS, 1983, p 9).

O texto segue também a metodologia de divisão histórica em períodos, adotada pelos autores, sendo cada um destes períodos objeto de análise específica, dado suas particularidades, conforme tópico abaixo.

4 PERÍODOS DE INVESTIMENTO

Os investimentos externos no Paraná podem ser divididos em pelo menos três períodos distintos: de 1906 a 1970, de 1971 a 1993 e 1994 até os dias atuais. O período de 1906 a 1970 é caracterizado por investimentos ingleses e norte americanos, pela colonização do estado e pela formação de uma economia primário exportadora. Dois grandes

investimentos se destacam neste período. O primeiro deles realizados pelo mega investidor Percival Farquhar, que captava recursos tanto nos EUA quanto na Europa para realização de seus projetos de investimento. Sua principal empresa no Paraná foi a “Brazil Railway Company” criada com o objetivo de concluir a construção da ferrovia entre Itararé em São Paulo, atravessando todo o estado Paraná, indo até Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul. Sua motivação além da exploração da linha férrea estava na permissão de exploração madeireira nos 1.700.268 hectares de terras cedidos à detentora da ferrovia, além da comercialização das terras. Para isso foi criado de imediato duas subsidiárias a “Southern Brazil Lumber & Colonization Company” e a “Brazil Development & Colonization Company”, objetivando a retirada e processamento da madeira, além da extração da erva mate, de forma auxiliar, dado sua presença de forma nativa nas áreas. Este complexo de investimentos foi dominado pela corrupção, sofrendo redução das disponibilidades externas devido a primeira guerra mundial, indo à falência em 1917.

Neste período é observado ainda os investimentos da “Brazil Tokushouku Kaisha” e a “Nambei Tochikubushiri”, tendo como origem o capital japonês. Estes investimentos, no entanto são de dimensões relativamente modestas, voltadas para a colonização e a plantação do algodão. Em seguida, e semelhante a estes, mas em escala muito maior tem-se os investimentos da “Brazil Plantations Syndicate Ltd”, realizadas a partir do capital inglês, inicialmente sob pretensões do plantio de algodão, mas se transformando em uma empresa de colonização, chegando a adquirir entre 1925 e 1928 mais de 515 mil alqueires, correspondendo a 1/16 da área total do estado, e se transformando posteriormente na Companhia de Terras Norte do Paraná. Este grupo também investiu em ferrovias, objetivando a valorização das terras. Dos investimentos surgiram nada menos que 110 núcleos urbanos, na grande maioria transformados em cidades, dentre elas Londrina (1930), Paranavaí (1942) Maringá em 1947, Cianorte em 1953, e Umuarama em 1955 (PADIS, 1981). Como no caso anterior, agora sob pressão da segunda guerra mundial os ingleses se obrigaram a retirar seus investimentos, colocando à venda entre as demais companhias a Companhia de Terras Norte do Paraná, sendo esta adquirida por um grupo de financistas brasileiros.

O crescimento populacional no Paraná foi significativo até os anos 60, fruto dos processos colonização. As políticas públicas se concentraram na resolução dos problemas sociais decorrentes do forte aumento populacional, como na criação de infraestrutura rodoviária e elétrica. Neste período, a industrialização pesada já se desenvolvia no Brasil, tendo como eixo dinâmico do paradigma metal-mecânico, sob a predominância dos Investimentos Diretos Externos (1955 a 1980).

O Paraná sente necessidade de planejamento não só para construção de sua infraestrutura, mas para atração de indústrias. Visando este objetivo é criada a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná - COPDEPAR em 1962. Seu desenvolvimento inicial se dá influenciado pela corrente desenvolvimentista já dominante no Brasil. O modelo seguido pelo Paraná copia o viés nacionalista, buscando o desenvolvimento do estado via pequena e média empresa de capital estadual. Este planejamento é abortado pelo governo militar pós revolução de 1964. A partir das intervenções federais no estado surge uma nova estrutura de força na classe dominante, que altera as estratégias de industrialização. Chega-se a conclusão que o estado não se desenvolveria industrialmente somente com o capital local ou nacional, levando à maior abertura para o capital internacional. O estado se insere em um projeto de desenvolvimento nacional, não mais imitativo ou concorrencial com São Paulo, maior pólo dinâmico industrial. O Projeto de desenvolvimento industrial do Paraná se daria de forma complementar ou como extensão da indústria nacional (AUGUSTO, 1978).

É dentro deste contexto que os investimentos externos no Paraná se fizeram presentes novamente de forma relevante no início dos anos 70, iniciando o segundo período de Investimentos Diretos Externos no Paraná, caracterizado pelo surgimento da Cidade Industrial de Curitiba.

O segundo Período de IDE no Paraná, vai de 1971 a 1993 e contribui fortemente para o processo de industrialização e reestruturação produtiva no estado. Esta industrialização se dá de forma concentrada na capital e

é caracterizado pela implantação da Cidade Industrial de Curitiba, com destaque para o segmento metal-mecânico focado na produção de máquinas. A atração do IDE ocorre sob forte influência das Políticas Públicas Municipais e Estaduais, através de uma ação planejada em nível municipal, articulada com o governo do Estado, sob o contexto de um planejamento federal favorável e crescimento do IDE em direção ao Brasil. Na década de 80 com a mudança ideológica no governo estadual e contexto nacional de crise estes investimentos se reduzem significativamente.

O terceiro período de IDE, agora em estudo, se inicia em 1994 e é marcado pela instalação das montadoras e empresas de autopeças no município de São José dos Pinhais, pela expansão dos investimentos em direção à região metropolitana de Curitiba e interior do estado, com diversificação dos investimentos e investidores. Esta última fase pode ser dividida em três subperíodos históricos/econômico. 1) de 1994 a 2003, caracterizada pela estabilidade inflacionária com reduzido crescimento do PIB; 2) de 2004 a 2007, quando ocorre um aumento da taxa de crescimento do PIB, sob o governo Lula; e 3) de 2008 até hoje, analisado até 2012, marcado pela crise econômica nos países ricos, alterando de forma significativa o fluxo mundial de IDE e o perfil de investimentos no Brasil e no Paraná.

Iniciaremos pelo cenário nacional do subperíodo de 2004 a 2007.

5 PERÍODO DE ESTABILIDADE NACIONAL COM RETOMADA DO CRESCIMENTO (2004-2007)

A economia Brasileira foi marcada neste subperíodo pela mudança da presidência da república com a saída de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e a entrada de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2003. As bases políticas macroeconômicas mantidas por Lula foram fundamentadas em três componentes, associados às reformas políticas neoliberais da década de 90, que resultaram na liberalização comercial, desregulamentação financeira e crescente abertura da conta de capitais. Estes três componentes são: 1) política monetária determinada pelas metas de inflação; 2) câmbio flutuante; e 3) política fiscal visando manter um superávit primário que comportasse o déficit fiscal das contas públicas (MORAES e SAAD FILHO, 2011).

Embora o programa de governo do presidente Lula e sua equipe pareça ser simplesmente uma continuidade da política econômica desenvolvida no governo de Fernando Henrique, e seguir as recomendações do Banco Mundial, não alterando as regras do jogo, e agindo com toda cautela em qualquer ruptura na linha de governo, ele apresenta características diferentes do programa anterior, gerando resultados diferentes. Seu foco se voltava para a sociedade brasileira. Um dos seus principais programas, baseado na transferência de renda, através do bolsa família, aumentava o consumo das famílias de baixa renda, elevando a demanda interna. O ímpeto das políticas neoliberais e da redução do tamanho do estado na economia adotado no período anterior não encontra mais apoio. Moraes e Saad Filho (2011) destacam que estas medidas na política econômica foram introduzidas de forma a complementar às políticas macroeconômicas vigentes no governo anterior, e não em sua substituição. Estas mudanças são consideradas como inflexão e não como ruptura das políticas econômicas adotadas até então.

O governo Lula se preocupou com a formação de um estado forte, como pré-condição para um desenvolvimento com equidade social. O desenvolvimento não se daria apenas com as leis de mercado. Era preciso um Estado que implementasse estratégias nacionais de desenvolvimento voltado para a superação da distância entre o país e as economias capitalistas desenvolvidas. Lula soube aproveitar as brechas surgidas na ortodoxia, estabelecendo uma política híbrida. O estado viria a ser o agente capaz de regular o mercado de modo a garantir a estabilidade macroeconômica e monetária que induziria ao crescimento da riqueza (MORAES e SAAD FILHO, 2011).

No cenário internacional, por sua vez, observa-se certa onda de prosperidade e estabilidade. Tanto os fatores internos quanto externos levaram ao aumento do nível de crescimento do país. Em 2001 havia ocorrido a interrupção do crescimento do PIB mundial, que caiu de 4,17% para 1,09%, tendo iniciado sua recuperação em 2002 (1,95%) e 2003 (2,67%) (BANCO MUNDIAL, 2013).

Após a eleição de Lula em outubro de 2002, as autoridades monetárias decidiram manter e aprofundar as políticas monetárias e fiscais e as reformas institucionais microeconômicas, com a reforma da previdência social, objetivando o superávit primário. No ano de 2003, com o novo governo no poder, e políticas monetárias inalteradas, os credores do Brasil começaram a se acalmar, abrindo possibilidade para a queda da taxa de juros. Após um momento de instabilidade pré-posses, ficou evidente sua política fiscal restritiva e a economia voltou à normalidade, com queda do risco-país, estabilização cambial, estabilização das expectativas inflacionárias e da dinâmica da dívida pública. A taxa de juros interna continuou em níveis elevados segurando o crescimento da economia, apesar das condições internacionais favoráveis (BRESSER-PEREIRA e GOMES, 2009). Em 2004 a economia mundial já havia se recuperado de acordo com a taxa histórica de crescimento, com 3,58%, seguida de 3,56% em 2005, 4,02% em 2006 e 3,94% em 2007 (BANCO MUNDIAL, 2013). Em 2004 inicia-se uma nova fase de crescimento interno do país.

Um dos entraves para o crescimento econômico brasileiro no período anterior havia sido suas contas externas. À medida que a economia brasileira crescia aumentava a pressão pelas importações, levando a um desequilíbrio na Balança Comercial. Vários fatores no cenário internacional e nacional contribuíram para a minimização deste fator, dentre eles a recuperação das exportações devido à desvalorização do câmbio, dado as incertezas do processo eleitoral de 2002, somados a desvalorização da crise de 1999, a volta do crescimento da economia mundial, a alta do preço das *commodities*, a alta da liquidez internacional, a baixa dos juros internacionais, elevação das demandas externas e o aumento do fluxo de recursos (CARCANHOLO, 2010).

Há um ganho crescente de importância da China na economia mundial, principal economia dos países em desenvolvimento. Em 2004 o ritmo de crescimento do país está em fase de aceleração, com aumento de 10,1% do PIB em 2004, 11,3% em 2005, 12,7% em 2006 e 14,2% em 2007, afetando o aquecimento da economia mundial. Este crescimento de certa forma ofusca a importância futura dos EUA como maior economia do mundo. Seu desempenho é abaixo da economia mundial, com 3,58% em 2004, 3,06% em 2005, 2,67% em 2006 e 1,94% em 2007. O baixo crescimento faz com que o FED adote políticas expansionistas. (BANCO MUNDIAL, 2013)

O aquecimento da economia mundial e o aumento da liquidez do dólar eleva o IDE internacional, fazendo com que o período de 2004 se inicie com um fluxo de investimentos na ordem de US\$ 734,14 bilhões, apresentando crescimento contínuo até 2007 quando alcança o recorde histórico de US\$ 2 trilhões (dados a partir de UNCTAD, 2014). Este cenário internacional favorável, permitiu a retomada do crescimento interno em 2004 com aumento do PIB em 5,71%. O déficit corrente passou de 5% do PIB em 1998 para superávit 1% em 2004, mantendo a taxa de investimento constante em 19%, substituindo a poupança externa pela interna. No ano de 2005 o PIB brasileiro cresceu 3,2%, em 2006, 3,9% e em 2007, 6,1%. (BC, 2014a). Há um aumento significativo da participação dos países desenvolvidos no fluxo total de IDE. No início do período eles representavam 57,71% da participação do recebimento total dos IDEs e passam para 65,91% em 2007 (veja tabela 01).

Tabela 01 - Fluxo de IDE Mundiais de 2004 a 2007

Ano	2004	2005	2006	2007
IDE Mundial	734,14	989,62	1.480,59	2.002,69
Países Desenvolvidos	423,65	621,48	985,89	1.319,89
% sobre IDE mundial	57,71%	62,80%	66,59%	65,91%
Países em Desenvolvimento	280,26	334,52	432,11	589,43
% sobre IDE mundial	38,18%	33,80%	29,18%	29,43%
Brasil	18,14	15,06	18,82	34,58
% sobre Países em Desenvolvimento	6,21%	4,60%	4,40%	6,02%

Fonte: UNCTAD, 2014. Em Bilhões de Dólares (Desconsiderada as economias em transição). Elaboração Própria.

Em 2004 pode-se observar um fluxo de IDE de US\$ 18,14 bilhões em direção ao Brasil, demonstrando a interrupção da redução verificada durante o período de 2000 a 2003, quando o IDE caiu de US\$ 32,77 bilhões para US\$ 10,14 bilhões. Em 2005 há uma nova queda, no entanto ele volta a se recuperar em 2007 e atingindo um valor recorde de US\$ 34,58 bilhões.

Em relação ao estoque mundial pode-se verificar um crescimento contínuo durante o período, com aumento de participação dos países em desenvolvimento (tabela 2), apesar de perderem participação no fluxo de capitais.

Tabela 02 - Estoque de IDE Mundiais na Década de 2004 a 2007

Ano	2004	2005	2006	2007
Estoque de IDE Mundial	11,23	11,67	14,41	18,04
Países Desenvolvidos	8,64	8,60	10,55	12,75
(%) sobre IDE mundial	76,94	73,69	73,21	70,68
Países em Desenvolvimento	2,39	2,80	3,46	4,61
(%) sobre IDE mundial	21,28	23,99	24,01	25,55
Brasil	0,161	0,181	0,221	0,310
% sobre países em Desenvolvimento	6,74	6,64	6,39	6,72

Fonte: UNCTAD, 2014. Em trilhões de dólares. (Desconsiderada as economias em transição). Elaboração própria

Em um cenário mundial de taxas de juros excessivamente baixas, e condições financeiras acomodáticas, com forte crescimento da alavancagem nas economias desenvolvidas, que contavam com inovações financeiras que em tese reduziram os riscos, as instituições financeiras passaram a operar com mais tolerância ao risco na busca por retornos elevados, incluindo segmentos com fundamentos de crédito mais frágeis, o que levou à crise conhecida como “sub-prime” de junho de 2007, sendo reduzidas as avaliações dos ativos lastreados em hipotecas residenciais dos EUA (MESQUITA e TORÓS, 2010).

Em resumo pode-se dizer que o IDE entre 2004 e 2007 foi influenciado por um mundo em crescimento e estável até meados de 2007, com processos de liberação comercial em curso na busca de investimentos, somados à estratégia de internacionalização realizado em grande escala por Empresas Trans-Nacionais (ETN) (UNCTAD, 2009a). Como resultado tem-se o recorde histórico de fluxo de IDE em 2007. O aumento Brasileiro do IDE de 2007 segue a tendência mundial, com pouca variação durante o período da participação do país em relação a outros países em desenvolvimento. Considerando a variação do estoque no tempo, pode-se verificar um aumento significativo no período de 2004 a 2007, seguindo uma tendência mundial de crescimento entre os países em desenvolvimento.

5.1 COMPORTAMENTO DO IDE NA ECONOMIA PARANAENSE DE 2004 A 2007

Historicamente percebe-se a formação de dois grupos políticos distintos no estado. Um grupo focado na agricultura mecanizada e moderna, na defesa da grande indústria, e no capital internacional, em detrimento do capital local, tendo como seu principal nome Jaime Lerner (prefeito Curitiba 1971-74 e 1979-83 pela Arena, Governador 1994-1998 pelo PDT e 1998-2002 pelo PFL). Outro grupo sob a bandeira do PMDB que se foca nas questões sociais, na agricultura familiar, no capital regional e nacional tendo como seus principais nomes no governo do Estado, José Richa (1983-1986), Álvaro Dias (1987-1991) e depois com mais destaque e influência Roberto Requião (1991-1994 / 2003-2010).

O Paraná no período 2004 a 2007 é politicamente dominado pelo PMDB. Embora tenha esta dominância o início do período segue influenciado pelas iniciativas do governo Lerner, devido aos acordos e contratos de investimento

realizados até 2002 entre o estado e as empresas. Sob o governo do PMDB observa-se uma postura passiva ou até mesmo conflitante em relação às Políticas Públicas de atração de investimentos externos ou de benefícios ao grande capital, em favor do capital privado local, nacional ou de instituições estatais.

Em 2005 a participação do estado no estoque nacional de investimentos externos foi de 4,61%. Neste ano a o Paraná detém 5,90% participação no produto. Nota-se um considerável crescimento dos investimentos externos sobre o ano de 2000, fruto das políticas desenvolvidas no governo anterior, dentre as quais destaca-se a maturação dos investimentos das montadoras, em especial da francesa Renault. Em 2005 a França desponta como principal investidor, com estoque de capital na ordem de US\$ 1,6 bilhões. Dez vezes mais que o observado em 2000. O Reino Unido também apresenta um crescimento surpreendente, chegando a US\$ 930 milhões, o México a US\$ 858 milhões e Estados Unidos a US\$ 574 milhões, conforme tabela abaixo.

Tabela 03 - Estoque de IDE do Paraná por Países de Origem dos Recursos em 2005

País Origem dos Recursos	Brasil	Paraná	Participação do Paraná
França	12.238.006	1.639.063	13,39%
Países Baixos	27.012.256	1.156.119	4,28%
Reino Unido	3.491.377	930.555	26,65%
México	15.050.777	858.971	5,71%
Estados Unidos	27.096.549	574.760	2,12%
Suécia	802.267	423.499	52,79%
Alemanha	7.250.882	375.634	5,18%
Espanha	17.588.920	320.817	1,82%
Suíça	2.843.595	163.803	5,76%
Chile	638.066	157.161	24,63%
Japão	3.261.433	155.366	4,76%
Outros	45.533.155	754.362	1,66%
Total	162.807.283	7.510.110	4,61%

Fonte: CENSO 2005 BACEN. Em US\$ mil. Elaboração Própria.

Observa-se neste período (tabelas 04 e 05), uma certa predominância dos investimentos em Curitiba e Região Metropolitana. Nas empresas já instaladas, os investimentos realizados se dão no sentido de melhoria da capacidade produtiva, modernização e novos lançamentos de produtos. Existe também a preocupação de redução de custos, dentro de uma estratégia internacional de produção. Como exemplo pode-se citar a transferência da fábrica de centrais telefônicas da Siemens da Alemanha para Curitiba, visado a exportação de 95% de sua produção (IPARDES, 2013).

Tabela 04 - Anúncio de investimento e reinvestimento no período de 2004 a 2007 em Curitiba e Região Metropolitana

(continua)

Município	Empresa	Atividade	País de Origem
Curitiba	Landis + Gyr	Medidores	Suíça
Curitiba	New Holland	Tratores e colheitadeiras	EUA
Curitiba	Atos Origin	Software	Grupo Europeu

(conclusão)

Curitiba	Bosch	Autopeças	Alemanha
Curitiba	Carrefour	Comércio Varejo	França
Curitiba	Coca-Cola	Compra da Mate Leão Bebidas	EUA
Curitiba	Honda	Comércio/Automobilístico	Japão
Curitiba	HSBC	Centro de Tecnologia	Inglaterra
Curitiba	Siemens	Tecnologia/Telecomunicação	Alemanha
Curitiba	Volvo	Automobilística	Suécia
Curitiba	Wal-Mart	Hipermercado	EUA
Araucária	Brasiefuel	Combustíveis	Itália
Araucária	Novo Nordisk	Farmacêutica	Dinamarca
Campo Largo	Dana Corporation	Autopeças – Chassis	EUA
Campo Largo	Sig Combibloc	Embalagens longa vida	Nova Zelândia
S. J. dos Pinhais	Argo Spa/Landini	Tratores	Itália
S. J. dos Pinhais	Renault	Automobilística	França

Fonte: IPARDES, 2013. Elaboração Própria.

Percebe-se o início de uma maior diversificação dos investimentos quando se compara com o histórico de investimentos. Dentre as diversificações pode-se observar investimentos em embalagens, a criação de um centro de tecnologia do HSBC para atendimento do mercado externo, a criação da Atos Origin para produção de software, a participação externa na produção de biocombustível, os investimentos na área de hotelaria pelo Reino Unido e medicamentos pela Alemanha e Dinamarca. De forma indireta o aumento do complexo industrial influenciou um conjunto de oportunidades de investimentos, e reproduziu os arranjos tecnológicos da indústria automobilística mundial com aspectos inovadores na produção e na administração.

No interior do estado é observado o crescimento de atividades voltadas para o segmento agroindustrial, indústria química e turismo (tabela 05).

Tabela 05 - Anúncio de investimento e reinvestimento no período de 2004 a 2007 no Interior do Estado do Paraná

(continua)

Município	Empresa	Atividade	País de Origem
Apucarana	Arimex Internacional Representações (Marca Schwa)	Cosméticos	Coréia
Arapongas	Hoffmann & Hofmann	Máquinas para montagens de Móveis	Alemanha
Arapoti	Stora Enso	Compra dos ativos da Inpacel da International Paper – Pepel	Suécia e Finlândia
Cambé	Hexal	Medicamentos	Alemanha
Cambé	Novartis (compra do grupo Hexal)	Medicamentos	Suíça
Cascavel	Purina /Cargill	Ração Animal	EUA
Foz do Iguaçu	Intercontinental	Hotelaria	Reino Unido

(conclusão)

Foz do Iguaçu	Oriente Express	Hotelaria	Reino Unido
Jaquariaíva	Norske/Pisa	Papel de Imprensa	Noruega
Londrina	ASK	Call Center	Colômbia
Londrina	Ingersoll	Compressores	EUA
Londrina	Sonae	Shopping	Portugal
Londrina	White Martins	Gases medicinais	EUA
Maringá	Spaipa/Coca-cola	Bebidas	EUA
Ponta Grossa	Bunge	Moagem de Grãos	EUA
Tibagi	Instituto Gene	Biodiesel e Farelo de Soja	Grupo Europeu

Fonte: IPARDES, 2013. Elaboração Própria

6 INFLUÊNCIAS DA CRISE INTERNACIONAL DE 2008 NO COMPORTAMENTO DO IDE MUNDIAL E NO BRASIL

O ano de 2008 foi marcado pelo desenvolvimento da crise mundial iniciada em 2007. Esta deixou suas primeiras marcas já no início de 2008. A instabilidade financeira desencadeada pela crise do subprime nos EUA em 2007 levou a uma deterioração dos investimentos durante o primeiro semestre de 2008, sugerindo o declínio das expectativas de crescimento mundial, bem como da confiança dos investidores. De abril a junho, 40% das empresas revelaram que a crise financeira exerceu um impacto negativo ou muito negativo nos seus investimentos e programas de investimentos, reduzindo significativamente seu otimismo. Há uma queda das fusões e aquisições e fluxo de IDE já no início de 2008 (UNCTAD, 2009).

Durante os primeiros oito meses de 2008 o mundo passou por um alívio relativo, que levou a algum otimismo em relação à crise, mas ela eclodiu de forma brutal quando instituições dos EUA dentre elas a Lehman Brothers e AIG, seguidas por instituições financeiras européias mostraram sinais de insolvência e colapso. Tem-se o dia 15 de setembro de 2008 como histórico. Nesta data eclodiu uma das maiores crises internacionais desde 1929, com a quebra do banco Lehman Brothers. O temor de uma crise mais profunda paralisou o mercado de crédito mundial, desvalorizou os ativos e reduziu o crescimento das economias mundiais. Em consequência, o aumento contínuo do fluxo de IDE observado desde 2003, sofre uma brusca interrupção nos anos seguintes. O crescimento do PIB mundial passa de 3,94% em 2007 para 1,5% em 2008 e alcança o fundo da crise com a taxa negativa de -2,05 em 2009, recuperando-se em 2010 com crescimento de 4,22%. Em 2011 ele cresce 3,8%, demonstrando relativa estabilidade (BANCO MUNDIAL, 2013). A crise de 2008 levou a uma queda no crescimento econômico nos EUA e se espalhou principalmente pelos países desenvolvidos, ocasionando a redução dos lucros das companhias, e a necessidade de repatriação do capital para compensar suas baixas, o que explica a redução do valor dos estoques globais de IDE naquele ano, como medida de curto prazo.

Os impactos no fluxo de IDE foram diferenciados de acordo com os grupos de países. As maiores reduções em 2008 se deram na Europa, Japão e Oeste da Ásia. Os EUA, epicentro da crise, teve seu fluxo aumentado, devido à transferência de recursos externos para socorro das filiais ao país sede. Somando-se a este movimento abriu-se uma nova oportunidade de aquisição de firmas locais dos EUA por empresas estrangeiras (UNCTAD, 2009).

Com a crise há uma queda de mais de 9% do fluxo de IDE mundial já no ano de 2008. O valor observado em 2009 é mais de 39% inferior ao de 2007, com redução de US\$ 786,21 bilhões em relação ao alcançado no pré-crise. Em 2010 e 2011 já se observa uma recuperação dos investimentos externos mundiais. De 2009 para 2010 ocorre

um crescimento de 15,79% e um leve aumento do ritmo de recuperação em 2011, com 17,25% de crescimento. Este aumento não ocorre de forma linear entre os países. Há grandes diferenças entre os grupos de países. Em 2012 o fluxo volta a cair. O bloco dos países em desenvolvimento cresce mais que dos desenvolvidos e passam a ser os principais responsáveis pela retomada no recebimento do fluxo de IDE mundial. O Brasil é um exemplo de retomada, inclusive superando o nível pré-crise. É nítida a recuperação mais acentuada nos países em desenvolvimento, em relação aos desenvolvidos, evidenciando a tendência para os próximos anos (dados UNCTAD, 2014).

A crise de 2008, diferentemente das ocorridas nos anos de 1994 (mexicana), 1997 (asiática), 1998 (russa) e 1999 (brasileira) atinge agora os países desenvolvidos. Este fato faz com que a estrutura de distribuição dos investimentos internacionais sofra alteração na sua distribuição. Pode-se notar o significativo ganho de participação dos países em desenvolvimento no período, passando de 25,55% no pré-crise para 52,02% em 2012, um ganho de 26,65% na participação (dados UNCTAD, 2014).

Tabela 06 - Fluxo de Investimentos Mundiais de 2008 a 2012

Ano	2008	2009	2010	2011	2012
IDE Mundial	1.816,40	1.216,48	1.408,54	1.651,51	1.350,93
Países Desenvolvidos	1.026,53	613,44	696,42	820,01	560,72
(%)	56,9%	50,6%	47,2%	49,0%	41,5%
Países em Desenvolvimento	668,44	530,29	637,06	735,21	702,83
(%)	36,3%	43,3%	47,1%	44,9%	52,02%
Brasil	45,05	25,95	48,50	66,66	65,27
% sobre países em Desenvolvimento	6,93	5,00	7,86	9,74	11,64

Fonte: UNCTAD, 2014. Em Bilhões de Dólares. (Desconsiderada as economias em transição). Elaboração Própria.

Em 2010 pela primeira vez na história os países em desenvolvimento somados aos países em transição ultrapassaram o valor recebido pelos países desenvolvidos, o que foi mantido também em 2011 e ampliado em 2012. Há também uma tendência ao incremento dos investimentos Sul-Sul, na busca de redução de custos e manutenção da competitividade, somada à estratégia de busca do mercado interno dos países recebedores. No entanto, o aumento do IDE para as economias em desenvolvimento abrange apenas um grupo limitado de países. Os países menos desenvolvidos e pequenas ilhas tiveram redução no recebimento do IDE. Outra tendência verificada é a volta da importância dos investimentos para garantir os recursos naturais, dado o aumento da demanda e elevação dos seus preços no mercado Internacional (UNCTAD, 2014; SARTI et al, 2011).

De 2008 a 2012 o IDE destinado a países desenvolvidos apresentou queda de 45,38%, enquanto nos países em desenvolvimento houve crescimento de 5,14%. Quando se analisa a recuperação dos países em desenvolvimento, tomando por base os países individualmente, nota-se que eles seguiram diferentes padrões. Algumas economias conseguiram se recuperar e atingir patamares, até mesmo superior ao pré-crise, tendo-se como exemplo o Brasil, Chile, China, Colômbia, Peru, Hong-Kong, Singapura, caso que não ocorreu com o México e Filipinas, que reduziram seu nível de IDE. Outros se mantiveram em níveis próximos ao pré-crise como a Índia (dados de UNCTAD, 2014)

Em relação ao Brasil o IDE em 2009 ainda se encontrou debilitado pela crise. A recuperação do fluxo de forma mais consistente é observada somente de 2010 em diante. Nos anos de 2010 e 2012 há inclusive uma tendência de recuperação brasileira na participação do fluxo de IDE dos países em desenvolvimento.

Considerando-se os países investidores foram os países desenvolvidos europeus que mais deixaram de investir. Em 2007 o valor destinado ao IDE por estes países foi de US\$ 906,53 milhões, passando para US\$ 275,58 milhões em 2012, uma queda de 69,60%. Os Estados Unidos tiveram uma queda de 26,5%, passando de US\$ 393 milhões em

2007 para US\$ 328 milhões em 2012. O Japão destacou-se com um aumento de R\$ 50,26 milhões em 2006 para US\$ 73,55 milhões em 2007 e US\$ 128 milhões investidos no ano da crise, aproveitando as oportunidades de aquisições, mesma estratégia utilizada pela China e Hong-Kong. Observa-se desta forma um crescimento do IDE com origem nos países em desenvolvimento, conforme tendência histórica iniciada na década de 70 (UNCTAD, 2014). Sarti et al (2011) destaca a ocorrência de IDE na busca por redução de custos visando a manutenção da competitividade de suas empresas e a busca de mercado, dado o crescimento da demanda interna dos países em desenvolvimento. A Coréia do Sul passa de US\$ 12 bilhões de investimentos em 2006 para US\$ 32,98 em 2007. Hong Kong e China realizaram investimentos sem precedentes, alcançando respectivamente em 2010 a 4ª e 5ª colocação do ranking, superando o Japão (UNCTAD, 2014).

As empresas chinesas agiram como fortes compradores em diversos países e regiões, aproveitando os preços baixos provocados pela crise internacional (SARTI, 2011).

As economias desenvolvidas, analisadas como um todo, ficaram longe de alcançar os valores do pré-crise no recebimento de IDE. Após chegarem ao valor de ingresso de US\$ 1,319 bilhão no pré-crise (2007) estas passaram para US\$ 560,72 milhões em 2012, após um período de recuperação e nova queda (UNCTAD 2009).

Sarti et al (2011) observa que ainda em 2011 a crise de 2008 tem exercido seus impactos nos investimentos das economias dos EUA e Europa. As dívidas da Grécia, Espanha, Portugal, Irlanda e Itália influenciaram negativamente a economia da região do Euro, levado a condução de políticas fiscais contracionistas, reduzindo o crescimento do PIB e o IDE. O montante recebido pela Europa em 2010 foi apenas 34% do fluxo recebido em 2007 (UNCTAD 2014).

O baixo crescimento econômico europeu, com perspectiva de retração em alguns países, em função de suas dívidas e da austeridade fiscal para contorná-la, gerou queda na demanda interna e grande desestímulo ao investimento direto na zona do euro. No ano de 2007 a União Européia recebeu US\$ 899 bilhões de investimento, caindo para US\$ 258 bilhões em 2012 (UNCTAD, 2014).

Entre os países em desenvolvimento há um maior dinamismo nas suas economias. Suas dívidas públicas geralmente são menores, e possuem mercados internos em expansão. Este cenário faz com que se tornem mais atrativos ao IDE. Em virtude das limitações de investimentos nos países desenvolvidos, principalmente nos europeus, os países em desenvolvimento surgem como opção ao investimento direto externo.

Em relação ao estoque de IDE no período, há um aumento no volume global de forma contínua. Os países em desenvolvimento também vêm ganhando participação em relação aos desenvolvidos, desde 2004, quando detinham 21,28% do estoque mundial. A crise de 2008 acelera este processo. Em 2012 chegam a deter 33,93% do total dos estoques mundiais. Em 2004 o estoque de IDE dos países desenvolvidos era 3,7 vezes maior que o dos países em desenvolvimento. No ano de 2012 esta relação cai para 1,84.

Tabela 07 - Estoque de Investimentos Mundiais na Década de 2008 a 2012

Ano	2008	2009	2010	2011	2012
Estoque Mundial	15,58	18,31	20,38	20,87	22,81
Países Desenvolvidos	10,79	12,39	13,10	13,21	14,22
% sobre Estoque Mundial	69,6%	68,2%	64,8%	63,9%	62,34%
Países em Desenvolvimento	4,37	5,30	6,52	6,90	7,74
% sobre Estoque Mundial	27,2%	28,4%	31,4%	32,4%	33,93%
Brasil	287,70	400,81	682,35	695,10	702,21
% sobre Países em Desenvolvimento	6,82	7,83	10,79	10,10	9,06

Fonte: UNCTAD, 2014. Em trilhões de dólares. (Desconsiderada as economias em transição). Elaboração Própria.

A crise de 2008 afetou de forma mais moderada os estoques que os fluxos de IDE, tanto em relação aos países em desenvolvimento, quanto aos desenvolvidos. Em 2009 já se observa em nível global a superação do nível pré-crise, com destaque aos países em desenvolvimento.

Entre 2008 e 2012, as economias desenvolvidas perderam participação tanto no fluxo quanto no estoque. No fluxo perdem 15,4%, passando de 56,9% de participação para 41,5%, e no estoque perdem 7,26%, passando de 69,6% para 62,34%, seguindo uma tendência que vinha se verificando desde 2004. No período há também uma redução da participação dos países desenvolvidos agora na condição de investidores internacionais (UNCTAD, 2014).

Como visto, a crise de 2008 afeta significativa a distribuição dos IDE no mundo, trazendo mudanças também na economia brasileira. A situação do Brasil é muito diferente da verificada nos países asiáticos como a Coreia e a China. Nestes países o peso das exportações é significativo, tendo como seus principais mercados a Europa e os Estados Unidos. Quando eles entram em crise há uma pressão por retração das exportações na Coreia e na China. O Brasil, no entanto, por possuir uma dependência menor das exportações, tem pressões menos significativas. O impacto direto na redução das exportações, contudo, não pode ser desprezado. Há de se considerar também os efeitos da crise para o Brasil, com uma maior pressão por parte dos exportadores mundiais e retração por parte dos importadores. A sensível piora nas exportações, somada à pressão internacional por importação faz com que a balança comercial brasileira e o PIB se retraiam.

Em 2008 o PIB brasileiro havia crescido 5,17%. Em 2009 essa taxa fica negativa em 0,33. No ano de 2010, ano de eleição presidencial, a economia recuperou o perdido no ano anterior com crescimento de 7,53%, bem acima da taxa histórica. Após a eleição várias medidas foram tomadas para o desaquecimento da economia, tendo um crescimento moderado, de apenas 2,73 no PIB de 2011.

Em relação ao estoque, descrito na tabela 07, o Brasil apresenta durante o período de 2008 a 2011, um ganho de participação, considerando os países em desenvolvimento, se mantendo em níveis consideravelmente superiores a toda a década anterior. Em 2010 os Estados Unidos ainda continuam na liderança dos investimentos no Brasil. Dos 10 maiores investidores, 7 continuam sendo países da Europa, conforme tabela 08.

Tabela 08 - 10 maiores Países Investidores no Brasil em Estoque no ano de 2010

País	Estoque
Estados Unidos	104 698
Espanha	85 295
Bélgica	50 374
Reino Unido	41 667
França	30 767
Alemanha	30 308
Japão	26 586
Itália	17 872
México	15 683
Países Baixos (Holanda)	14 385

Fonte BC - Censo 2010 - versão preliminar - valor de mercado. Excluídos os paraísos fiscais. Elaboração Própria.

Em 2007 o Brasil ocupava a 15ª posição em relação ao Fluxo de IDE, passando para a 4ª posição em 2012, atrás apenas dos EUA, China e Hong-Kong. Pode-se verificar que esse ganho de colocação é fortemente influenciado pela crise econômica de 2008, que acelerou o redirecionamento dos investimentos aos países em desenvolvimento, devido ao baixo dinamismo das economias desenvolvidas.

6.1 INFLUÊNCIA DA CRISE DE 2008 NO IDE PARANAENSE

Os segmentos que mais se destacaram no Paraná em 2010 em relação aos Estoques de Investimento Externo, em ordem decrescente são: veículos automotores, reboques e carrocerias, bebidas, produtos alimentícios, produtos químicos, papel e celulose, máquinas e equipamentos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, produtos de borracha e material plástico e metalurgia (BC, 2014).

Como nos períodos anteriores os anos de 2008 a 2012 apresentam grande concentração dos investimentos na Região Metropolitana de Curitiba. Destaca-se da mesma forma neste período um aprofundamento das tendências observadas entre 2004 a 2007 no sentido de uma maior diversificação dos IDEs. As diversificações dos novos investimentos anunciados vão para área química, microeletrônica, setor financeiro e seguros, tecnologia da informação e software, conforme pode ser observado nas tabelas 09, 11 e 12. Curitiba é o município mais diversificado. Araucária sofre a influência da refinaria da Petrobrás e recebe investimentos nas áreas de química, autopeças e máquinas e equipamentos, sem ser estes últimos predominantes. São José dos Pinhais com os investimentos externos mais estabilizados se concentra nas atividades da indústria automobilística, tanto nas montadoras como na indústria de autopeças.

Campo Largo passa a receber indústrias do segmento metal-mecânico sendo algumas voltadas para a indústria automobilística de menor porte como a produção de tratores para construção civil e motores, além de uma empresa na área de embalagens.

Ponta Grossa se destaca como município intermediário entre o interior do estado e a região metropolitana de Curitiba, se destacando como uma nova fronteira em expansão para os investimentos externos.

Tabela 09 - Anúncio de investimentos e reinvestimentos no período de 2008 a 2012 em Curitiba

(continua)

Município	Empresa	Atividade	País de Origem
Curitiba	Aikawa Advance Fiber Technologies	Equipamentos para indústria papel e celulose	Japão
Curitiba	Aker Solutions	Equipamentos para Petrobrás	Noruega
Curitiba	Arauco	Melanina para MDF	Chile
Curitiba	Assa	Software	Argentina
Curitiba	Case e New Holland	Maquinário construção civil e agrícola	EUA
Curitiba	Eletrolux	Eletrodomésticos	Suécia
Curitiba	Emak	Máquinas Agrícolas	Itália
Curitiba	Furukawa	Cabos de Fibra Ótica	Japão
Curitiba	HSBC	Centro Tecnológico de software	Inglaterra
Curitiba	Kraft Foods	Alimentícia	EUA
Curitiba	Linde	Química	Alemanha
Curitiba	Multivac	Equipamentos Embalagens a vácuo	Alemanha
Curitiba	Peróxidos do Brasil	Química para Celulose	Bélgica
Curitiba	Sara Lee	Alimentos - Compra da Café Damasco	EUA
Curitiba	Siemens	Diversificação da Produção - note book, placas mãe e circuitos para indústria automobilística, software e hardware	Alemanha

(conclusão)

Curitiba	Solvay	Financeiro e RH	Bélgica
Curitiba	Travelers	Participação na Seguradora J. Malucelli	EUA
Curitiba	Volvo	Automobilística	Suécia
Curitiba	Wal-Mart	Hipermercados	EUA
Curitiba	Wipro Technologies	Tecnologia da inform. e engenharia industrial	Índia

Fonte: IPARDES, 2013. Elaboração Própria

Tabela 10 - Anúncio de investimentos e reinvestimentos no período de 2008 a 2012 na Região Metropolitana de Curitiba

Município	Empresa	Atividade	País de Origem
Araucária	Air-Lique	CO2 para Bebidas	França
Araucária	Leax	Autopeças	Suécia
Araucária	Metso-Paper	Equipam. Ind. Papel e Celulose	Finlândia
Araucária	Novozymes	Pesquisa-Enzimas p/ ração e etanol	Dinamarca
Campo Largo	Cartepillar	Mat transporte construção civil	EUA
Campo Largo	Fiat	Motores	Itália
Campo Largo	Sig Combibloc	Embalagens	Suíça e Nova Zelândia
Campo Largo	TMT Motoco	Motores p/ peq. máquinas agrícolas	EUA
Colombo	Roemmers	Compra do Laboratório Herbarium	Argentina
Fazenda Rio Grande	Dunlop	Pneus	Japão
Fazenda Rio Grande	Leão Junior/Coca-Cola	Bebidas	EUA
Fazenda Rio Grande	NTN-SRN	Autopeças/Rolamentos	Japão e França
Fazenda Rio Grande	Sumitomo	Pneus	Japão
S. J. dos Pinhais	Aksys - FPK do Brasil	Componentes Automotivos	Espanha
S. J. dos Pinhais	Audi	Automóveis	Alemanha
S. J. dos Pinhais	Briggs & Stratton	Motores, Bombas e Geradores	EUA
S. J. dos Pinhais	Brose	Autopeças	Alemanha
S. J. dos Pinhais	GME Aerospace	Aeroespacial	Itália
S. J. dos Pinhais	HSBC	Centro de Treinamento	Inglaterra
S. J. dos Pinhais	JTEKT	Autopeças	Japão
S. J. dos Pinhais	Nissan	Automóveis	Japão
S. J. dos Pinhais	Renault	Automóveis	França
S. J. dos Pinhais	Tremec	Autopeças	México
S. J. dos Pinhais	Volkswagen	Automóveis	Alemanha

Fonte: IPARDES, 2013. Elaboração Própria

Tabela 11 - Anúncio de investimentos e reinvestimentos no período de 2008 a 2012 no Interior do Estado do Paraná e Litoral (continua)

Município	Empresa	Atividade	País de Origem
Apucarana	InVivo	Ração Animal	França
Arapoti	Arauco	MDF	Chile
Campo Mourão	Tyson Foods	Frigorífico	EUA
Castro	Cargill	Processamento de milho	EUA
Castro	Evonik	Aminoácidos-Ração Animal	Alemanha
Foz do Iguaçu	Wal-Mart	Supermercados	EUA
Jaguariaíva	Arauco	MDF	Suécia e Finlândia, depois vendido para investidores do Chile
Jaguariaíva	Pisa	Papel	Chile
Londrina	Portugal Telecom	Call Center	Portugal
Londrina	Markhteshim Agan	Defensivos agrícolas	Israel
Londrina	SanDisk	Informática	EUA
Londrina	Wal-Mart	Supermercados	EUA
Marinalva	Agrenco	Biodiesel	Holanda/Japão
Paranaguá	Yara do Brasil	Adubos	Noruega
Pato Branco	GX-Audio	Autopeças	China
Pato Branco	Sementes Guerra	Agrícola	França
Piên	Timber Creek	Madeira	Canadá
Pinhais	Gemalto	Microchips e Policarbonato	Holanda
Pinhais	Huhtamaki Plásticos Rígidos Brasil	Embalagens	EUA
Pinhais	Wal-Mart	Supermercados	EUA
Piraquara	Häfele	Ferragens	Alemanha
Piraquara	OKE	Perfis Plásticos	Alemanha
Ponta Grossa	BO Packaging	Embalagens	Chile
Ponta Grossa	BUNGE	Processamento de Soja	EUA
Ponta Grossa	Cimpor	Cimento	Portugal
Ponta Grossa	Continental	Autopeças/correias dentadas e equipamentos	Alemanha
Ponta Grossa	Makita	Ferramentas	Japão
Ponta Grossa	Masisa	MDF e Painéis para Construção Civil	Chile e depois EUA
Ponta Grossa	Tafibrás	Painéis de Madeira	Chile
Ponta Grossa	Tetra Pak	Embalagens	Suécia
Ponta Grossa	THK	Autopeças	Japão
Ponta Grossa	Winner Chemical	Produtos Químicos	Alemanha

(conclusão)

Ponta Grossa	Wuth	Lubrificantes	Alemanha
Ponta Grossa	Crown Holdings	Embalagens	EUA
Pontal do Paraná	Subsea 7	Tubulações para Petróleo	Noruega
Pontal do Paraná	Techint Engenharia e Construção	Plataformas Marítimas	Itália
São Pedro do Ivaí e Marinalva	Renuka do Brasil	Açúcar, Alcool e B combustíveis	Índia
Paraná	Abegoa	Linhas de Transmissão de Energia Curitiba/Bateias	Espanha
Paraná	GVT	Telecomunicações	França

Fonte: IPARDES, 2013. Elaboração Própria.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o IDE em Direção ao Brasil entre 2004 e 2007 foi influenciado por um mundo em crescimento, com elevada liquidez internacional, com processos de liberação comercial em curso na busca de investimentos, somados à estratégia de internacionalização e produção de grande escala por empresas transnacionais, em um ambiente estável (até meados de 2007). Como resultado tem-se o recorde histórico de fluxo de IDE em 2007 de US\$ 2 trilhões. Como reflexo deste aumento do IDE mundial é observado no Brasil no ano de 2007 uma elevação do IDE que passa de US\$ 18,14 bilhões em 2004 para US\$ 34,58 bilhões em 2007, mantendo sua participação de recebimento IDE entre os países em desenvolvimento.

A participação do Paraná no estoque de IDE cresce proporcionalmente menos que o verificado no Brasil, possivelmente influenciado por uma postura passiva em relação à política pública estadual de atração de investimentos, fruto de posições ideológicas partidárias vinculadas ao capital local. A participação do Paraná no estoque de IDE brasileiro recua de 5,86% em 2000 para 4,61% em 2005. Isso não quer dizer que o crescimento do IDE no Paraná não seja significativo. Seu estoque de IDE passa de US\$ 2,8 bilhões em 2000 para US\$ 7,5 bilhões, em 2005, um crescimento de 373% no período de 5 anos. O Banco Central muda a metodologia de cálculo do estoque no censo de 2010. Em vez do valor do investimento total atualizado, o que passa a contar agora é o valor de mercado do investimento, sendo divulgado somente o valor do setor industrial, dificultando assim a comparação entre os censos anteriores. No setor industrial o estoque em 2010 chega a US\$ 8,3 milhões, representando 3,51% do investido no Brasil (dados BC, 2014).

A crise de 2007/2008 exerceu grande impacto nos investimentos internacionais. Por ser uma crise com foco nos países desenvolvidos, diferentemente das ocorridas na década de 90, seus efeitos influenciaram negativamente principalmente os países desenvolvidos da Europa e Estados Unidos, o que fez com que alguns grupos de países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, recebesse parte dos investimentos anteriormente destinados aos países desenvolvidos. Nos anos que se sucederam à crise, alguns países europeus se encontraram com níveis preocupantes de endividamento, necessitando de ajustes fiscais para reversão do quadro em que se encontram, o que impediu uma retomada do crescimento via política fiscal expansionista. Em contrapartida os investimentos no Brasil, que já se destacavam em meados da década de 2000 pela estratégia de busca do mercado interno, ganharam fôlego. O Brasil surge como opção de investimento ao fluxo internacional de capitais. Sua inclusão na rota de investimentos foi possível devido às reformas estruturais realizadas no início dos anos 90 e aprofundadas posteriormente. Nos anos

de 2010 em diante o país demonstra certa autonomia em relação às tendências globais observadas, aumentando sua participação no IDE Mundial.

Em 2010 os principais segmentos de recebimento de IDE – acima de 500 milhões – são, em ordem decrescente, o de Veículos automotores, reboques e carrocerias, seguido pelo de Bebidas, produtos alimentícios, químicos, celulose, papel e produtos de papel e máquinas e equipamentos.

Destaca-se uma operação significativa na reversão dos investimentos em capital externo.

significativo Um dos fatores que influenciavam a queda do estoque de IDE foi a compra da Fosfertil, anteriormente controlada pelo capital externo. A Empresa Vale do Rio Doce se utilizou da sua subsidiária, a Mideradora Naque para compra da participação da Bunge (EUA) por US\$ 2,15 bilhões (42,3% das ações), e da Yara (Noruega) e Mosaic (EUA) US\$ 1,85 bilhões aproximadamente, somando ao todo um valor de US\$ 4 bilhões ou 78,9% da Fosfertil. (IPARDES, 2013; BC 2014)

Apesar da queda de participação em relação ao nível nacional, os investimentos externos permanecem em níveis significativos, gerando impacto no desenvolvimento econômico do estado. De 2008 a 2012 observa-se um aumento substancial do número de empresas externas na realização dos investimentos. Há um processo de diversificação das atividades e da distribuição regional. A região metropolitana de Curitiba ainda se mantém como maior pólo dinâmico e detém os IDE de mais alta tecnologia. O interior do estado cresce mais significativamente, mas conta com atividades de menor nível de investimento e tecnologia, com forte vinculação das atividades voltadas à exploração da terra.

ABSTRACT: This article seeks to understand the determinants of increased international flows for Brazil of \$ 18.14 billion in 2004 to U.S. \$ 65.27 in 2012, and its effects on the economy Paranaense. For this analysis, the methodology developed by Castro (1979) and Possas (1983) considers that the economic scenario of the origin and destination of the funds, and the fragmentation of studies in periods based on historical and economic peculiarities is used. The article breaks new ground in studying the IDE in a state separately. It is concluded that in the period 2004-2007, the increase in flow to Brazil is by favorable international situation, and how attractive an economy with growing internal market. After the international crisis of 2008, investments are given as an alternative to the rich countries. It is observed that the Paraná benefits from FDI inflow. Besides increasing the amount there is a process of diversification and expansion into metropolitan region of Curitiba and the state, with differentiation in investment segments.

KEY WORDS: Foreign Direct Investment, Economic Development, Paraná.

Code JEL: F21, G17, O11.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, M. H. O. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo, Símbolo, 1978.

BC - Banco Central. **Censos de Capital Externo 2000, 2005 e 2010** <http://www.bcb.gov.br>, acessado em março/2014.

BC - Banco Central <http://www.bcb.gov.br/?INDECO>, acessado em maio de 2014a.

BANCO MUNDIAL, www.worldbank.org. Banco de Dados Estatísticos, 2013.

- BIELSCHOWSKI, R. **Transnational corporations and the manufacturing sector in Brazil**. Santiago, Chile, 1992.
- BRESSER-PEREIRA, L. C & GOMES, C. O regime de metas de inflação no Brasil e a armadilha da taxa de juros/taxa de câmbio. In: **Política monetária, bancos centrais e metas de inflação: teoria e experiência brasileira**. Oreiro, J.L; Paula, L.F & Sobreira, R. São Paulo: FGV Editora, 2009
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Inserção Externa e Vulnerabilidade da Economia Brasileira no Governo Lula**. In Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico 2003-2010. RJ. Ed. Garamond, , p. 103-131, 2010.
- CARIO, Silvio Antonio Ferraz; ALEXANDRE, Arlete; VOIDILA, Tânia Marta. **Investimento Direto Externo na Economia Brasileira nos anos 90: Significado, Alcance e Conseqüências ao Desenvolvimento**. Textos de Economia, UFSC, v.7, n.1, p. 103-136.
- CASTRO, A. C. **As empresas estrangeiras no Brasil (1860-1913)**. São Paulo: Zahar Editores, 1979.
- CUNHA, S.K. O papel das políticas e das instituições no desenvolvimento industrial do Paraná. **Revista de Economia**, Curitiba: UFPR, nº 19, p. 101-135, 1995.
- CURADO, M.L.; CRUZ, M.J.V. Investimento Direto Externo e Industrialização no Brasil. **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2008.
- CURADO, M.L.; CRUZ, M.J.V. Investimento Direto Externo no Brasil: uma análise para o período de alta inflação. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n 2, 2012.
- CURADO, Marcelo Luiz. **Investimento Estrangeiro Direto e Industrialização no Brasil**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da UFPR. Curitiba, Paraná, 1997.
- FRANCO, G. **A inserção externa e o desenvolvimento**. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 18, n. 3, jul-set, 1998.
- FRITSCH, W.; FRANCO, F. O Investimento Direto Estrangeiro em uma nova estratégia industrial. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 9, n. 2, 1989.
- GONÇALVES, R. Estratégias dos oligopólios mundiais nos anos 90 e oportunidades para o Brasil. Nota técnica temática do Bloco: Condicionantes Internacionais da Competitividade. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**, 1993.
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social. **Boletim de Análise Conjuntural**, do v.26.1 de jan/fev 2004 a v.35.4 de jul/ago 2013.
- MATTOS, L.B.; CASSUCE, F.C.C.; CAMPOS, A.C. Determinantes dos Investimentos Diretos Externos no Brasil, 1980-94. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, jan/abr, 2007.
- MORAES, Lecio & SAAD-FILHO, Alfredo. O novo-desenvolvimentismo e o governo Lula. **Revista de Economia Política**. Vol 32, n 4(124), outubro-dezembro, 2011.
- NONNENBERG, Marcelo José Braga. **Determinantes dos Investimentos Externos e Impactos das Empresas**

Multinacionais no Brasil - As décadas de 70 e 90. Texto para discussão IPEA, 969. Rio de Janeiro, 2003.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná.** Curitiba, Ipardes, 2ª ed., 1981.

POSSAS, M L. Multinacionais e industrialização no Brasil. In: BELLUZO, L.G.M. ; COUTINHO, R. **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARTI, Fernando; HIRATUKA, Célio; RUPPERT, Lúcia; HAMATSU, Newton e CELANI, Alessandra. **Panorama do Investimento Direto Estrangeiro.** Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Instituto de Economia da UNICAMP, 2011.

SARTI, Fernando; LAPLANE, F. Mariano. **Investimento direto Estrangeiro e a retomada do crescimento sustentado nos anos 90.** Economia e Sociedade, Campinas V. 8 junho 1997.

SARTI, Fernando; LAPLANE, F. Mariano. **Investimento Direto Estrangeiro e o Impacto na Balança Comercial nos Anos 90.** Texto para discussão IPEA, 629. Brasília, 1999.

SUZIGAN, W e SZMRECSÁNYI, T. **Os investimentos estrangeiros no início do processo de industrialização no Brasil.** Texto para discussão, IE/Unicamp, n. 33, 1994.

UNCTAD - **United Nations Conference on Trade And Development** <http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/reportFolders.aspx>. Dados Estatísticos fev./2014.

UNCTAD, **Assessing the Impact of the Current Financial and Economic Crisis on Global FDI flows.** Abril, 2009.

UNCTAD. **World Investment Report**, Transnational Corporations, Agricultural Production and Development, New York and Geneva, 2009a.